

«GUITARRA DE PORTUGAL» E «CANÇÃO DO SUL»: A IMPRENSA DE FADO ENTRE A TRADIÇÃO E A AFIRMAÇÃO CULTURAL (1922-1948)

CÁTIA TUNA*

INTRODUÇÃO

Há dois traços no percurso biográfico de Victor de Sá que enquadram a escolha do tema do meu contributo para esta obra em sua homenagem¹. O primeiro foi o seu trabalho como livreiro fundamentalmente na Livraria Victor que fundou e geriu em Braga, o que espelha a «devoção» que tinha pelo livro como objeto de conhecimento partilhado e o zelo por assegurar a sua acessibilidade². O contacto com os dois periódicos de fado que este estudo apresenta — a «Guitarra de Portugal» («G.P.») e a «Canção do Sul» («C.S.») — que em certos momentos assumirá propositadamente uma escala quase microscópica, faculta esse ingresso ao quotidiano dos bastidores deste mundo peculiar que o livro e — no caso específico deste estudo — o jornal colocavam em movimento na época em estudo.

O segundo aspeto do itinerário do historiador homenageado concerne às suas convicções e pertença política, tendo sido comunista, o que resultou em nove detenções pela PIDE e nos impedimentos à prossecução dos seus percursos de estudante e, mais tarde, de professor. Como historiador, a sua identidade política refletiu-se na atenção que deu à formulação das primeiras ideias socialistas em Portugal (objeto da sua tese de doutoramento) e ao movimento operário (tema apresentado nas provas de agregação)³. Os estudos de Rui Vieira Nery revelaram o fado como um observatório privilegiado das dinâmicas de sociabilidade constitutivas do movimento operário uma vez que alguns dos seus protagonistas eram praticantes de fado e que este género musical serviu de propaganda dos ideais ou ideologias destes grupos de vanguarda política⁴. As investigações do musicólogo e historiador focam-se sobretudo nos primeiros anos do século XX. O nosso estudo, ao abordar dois jornais que se consolidaram já durante a ditadura militar e no início do Estado Novo, acaba por se reportar a personalidades que, embora por vezes de modo mais dirimido, com uma

* Universidade Católica Portuguesa/Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR). Email: catiatuna@ucp.pt. Cátia Sofia Ferreira Tuna (Prémio 2020).

¹ Este texto integra a minha investigação de doutoramento — cf. TUNA, 2020a: II, 207-219.

² SÁ, 1954, 1956.

³ SÁ, 1978, 1981.

⁴ NERY, 2015, 2010. No campo da antropologia sobressai a investigação de Paulo Lima: LIMA, 2004.

liberdade de militância mais limitada, tinham uma ligação mais ou menos ativa a estes movimentos ideológicos. Uma perspetiva rápida sobre o envolvimento político de alguns dos nomes que constam na Tabela 1 testifica esta inscrição nos círculos de vanguarda ideológica: Domingos Serpa era anarquista, Manuel de Matos era sindicalista, João Linhares Barbosa situava-se no campo libertário.

Tabela 1. Dirigentes, editores e redatores principais dos jornais

	«Guitarra de Portugal»	«Canção do Sul»
Diretor	João Linhares Barbosa (1.ª série [1922-1939]), Mário Ribeiro (2.ª série [1945-])	Venceslau de Oliveira (até 1927), José Alves (1927) Francisco Viana (1930), João Reis (pseud. António Cardo) (1930-1931), Cândido Torrezão (1931), João Reis (António Cardo) (1931-)
Subdiretor		Celeste Inácio (1930-)
Secretário de redação	Carlos A. Figueiredo (1936), Horácio Gameiro (1936-)	Carlos Conde (1931), Celeste Inácio (1931-), José Nascimento Santos (1934-), Jacinto Lobo (1935-)
Editor(es)	José Oliveira Piedade (-1938), João Linhares Barbosa (1938-1939) João da Mata (1945-)	Armando Dias (1926-1927), João Reis (1930-) António Fernandes (1931-1932), João Fernandes Sampaio (1932-) Arthur Leite (1935-)
Redator (principal)	Domingos Serpa (1922-1929), João Oliveira Vidal (1929-1935), António Gomes (1936-), José de Oliveira Piedade (juntamente com António Gomes) (1938-), João da Mata (1945-)	Joaquim Frederico de Brito (1930), Raul Álvaro (pai) (1931), Manuel de Matos (1939-)
Administrador	Sabino Isidro dos Santos (até 1934), Luís Beleza (1934-1935), A. Nunes da Silva (1938-1939)	João Reis (1927-)
Proprietário	João Linhares Barbosa (1938-1939), Francisco Costa (1945-)	João Reis (1930-1934), Celeste Inácio (Judia) (1934-)

Fonte: TUNA, 2020a: II, 202-205

Destacamos entre os colaboradores Avelino de Sousa, que fora anarcossindicalista, Mário Domingues que era anarquista, Cristiano Lima e Martinho da Assunção, ambos comunistas. À exceção deste último e de Manuel de Matos (acima referido), os nomes enunciados estavam sobretudo vinculados à «G.P.»⁵.

A imprensa operária em que se envolveram constituiu para eles uma plataforma de aprendizagem do saber-fazer dos trabalhos de redação, revisão, grafismo, tipografia e administração. A vitalidade expressiva que o fado teve no campo da imprensa é

⁵ A caracterização política da comunidade fadista e, particularmente, daqueles que estavam vinculados aos jornais de fado após 1926 está desenvolvida em: TUNA, 2020a: 190ss.

assim atinente a este dinamismo ideológico intrinsecamente panfletário a que estava vinculado pelo menos já desde 1870, aproximadamente, quando a agitação operária, que fez sentir a sua presença a partir da vitória concludente do liberalismo (1834), é revigorada sob a influência da I Internacional⁶. Pedro Félix aponta desde essa época a estimativa de 100 títulos de fado e refere que até à década de 1920 aqueles são marcados exatamente por essa vinculação: os promotores e redatores são operários, ligados a movimentos sindicais ou associações mutualistas⁷. Com o início da «G.P.» em 1922 e da «C.S.» no ano seguinte, o etnomusicólogo assinala uma nova fase caracterizada pelo destaque do fadista cantor em detrimento do fadista poeta; também pela maior durabilidade e menor quantidade de títulos, que anteriormente na maioria das vezes não chegavam à publicação do segundo ou do terceiro número. A «G.P.» interrompe a sua publicação em 1939 e inicia uma segunda série em 1945; a «C.S.» conhece uma grande irregularidade nos seus primeiros anos; reinicia em 1926 para parar logo no ano seguinte; em 1930 recomeça com uma regularidade quase irreversível⁸. Ambos os títulos publicariam no total cerca de 700 números durante as duas décadas aproximadas de publicação (descontando os interregnos indicados) em que foram explicitamente periódicos de fado. Outros periódicos de fado existiram nesta altura: destacamos «O Fado» (1923-1926), a «Canção do Povo» (1926), a «Canção Nacional» (1927-1928), e o «Trovas de Portugal» (1933-1944).

Após focarmos a conflitualidade que caracterizou a sua relação, faremos uma caracterização do itinerário de cada um dos títulos para no final retirarmos os principais pontos em que a identidade fadista os fazia confluir e, sobretudo, divergir.

A CONCORRÊNCIA ENTRE OS DOIS PERIÓDICOS

É incontornável referir o conflito concorrencial entre a «G.P.» e a «C.S.». Quando esta reaparece em 1926, existe de imediato uma contenda com o seu rival devido à opereta *Mouraria*⁹. O diretor da «C.S.», Venceslau de Oliveira, criticou a peça, o que João Linhares Barbosa, diretor do jornal concorrente, interpreta como uma acusação pessoal. O grau de conflituosidade entre os dois títulos atinge o seu auge no ano de 1932¹⁰. Existe primeiramente um melindre por parte da «C.S.» ao considerar ofensivas umas quadras publicadas no jornal rival pela ocasião do Carnaval. Na retaliação, a «G.P.» aproveita para acusar a «C.S.» de nunca defender o fado e os fadistas das

⁶ SÁ, 1990: 217-218.

⁷ FÉLIX, 2010.

⁸ Para um enquadramento destes dois jornais noutras iniciativas de edição periódica da época ver NERY, 2004: 150 e TUNA, 2020a: 34-42.

⁹ BARBOSA, 1926: 3.

¹⁰ Sínteses de natureza biográfica dos vários dirigentes e colaboradores dos periódicos de fado já referidos na Tabela 1 e referidos ao longo do texto, podem ser consultadas no portal «Fado e religião», uma iniciativa da Fundação Mário Soares e Maria Barroso — TUNA, 2020b.

difamações de que são alvo, a qual responde ironizando a irregularidade e os atrasos da «G.P.», longe de manter a periodicidade quinzenal¹¹. A «C.S.» procura nesta fase diferenciar-se da concorrência por esta observância no cumprimento de aspetos como a periodicidade mas também pela moralidade das letras; neste ano pode ler-se em muitos números o aviso de que «aceita toda a colaboração que nos for enviada desde que os originais não excedam as normas da moralidade e dignifiquem puramente o Fado»¹².

Ainda no verão de 1932 ocorre outro atrito mais sério devido a acusações de plágio: o jornal fundado por Linhares Barbosa incrimina o adversário de usurpar poemas, num caso de acusação de plágio que envolveu a polícia, o Governo Civil e que foi para o tribunal. Foi protagonizado por Carlos Conde nas circunstâncias conturbadas em torno do convite que lhe foi dirigido por António Cardo (pseudónimo de João Reis, então diretor da «C.S.») para ir para o seu jornal. As acusações da «G.P.» alcançam a vida privada dos membros da direção do título adversário (já sugeridas nas quadras publicadas no carnaval)¹³. O conflito entre os dois jornais em 1932 fez correr muita tinta e fez também com que de certo modo se contassem as espingardas, seguindo-se a publicação de manifestações de apoio¹⁴. As acusações de plágio entre os jornais persistirão¹⁵.

Um novo pico de atrito dá-se em 1936, com a parceria estabelecida entre o Café Luso e a «C.S.»; a «G.P.» acusa esta de pretender que aquele estabelecimento o vendesse em regime de exclusividade e recusou-se a ser comercializada naquele estabelecimento¹⁶.

A «GUITARRA DE PORTUGAL»

O jornal «G.P.» surgiu em 1922 a partir de uma conversa entre Linhares Barbosa e Domingos Serpa, a quem se vieram a juntar Fernando d'Almiro, Luís Sameiro e Oliveira Piedade. Estava assim constituído um sólido elenco redatorial e corpo dirigente. Este título começou por ser impresso nos baixos da redação de «O Sport de Lisboa», ao Calhariz¹⁷. Em 1923 ocorre «uma cisão na equipa redatorial inicial da GP»; a facção discordante (Manuel Soares «do Intendente» e José António da Silva «Bacalhau») fundam o jornal «O Fado» que finaliza logo em 1926 e que representa uma corrente mais conservadora no meio do fado quanto a inovações formais, em

¹¹ A *Calúnia é a arma dos cobardes e dos pulhas*, 1932: 4.

¹² «C.S.», 16 mai. 1932: 3.

¹³ *António Cardo e Celeste Judia: Estes gatunos são loucos ou são malandros?!... Desmascaramos os da "CS"*, 1932. A acusação recai sobre Celeste Inácio (com o pseudónimo de Judia) alegando que teria vindo de Idanha-a-Nova, abandonando o marido, e que João Reis teria abandonado a mulher e o filho para se juntar à Judia, que era sua prima.

¹⁴ Por exemplo: *Uma Manifestação à "A CS"*, 1932: 4.

¹⁵ Ver, por exemplo: *A Caça às lebres*, 1938: 2.

¹⁶ *Nós, o "Luso" e eles: Onde estás. Proibidade profissional!?!...*, 1937: 6; *"Eles" e o café Luso...*, 1937: 4.

¹⁷ *José Manuel Soares: o "Pepe"*, 1931: 2.

contraposição com a posição de Linhares Barbosa que valorizava a abertura do fado à possibilidade de se promover culturalmente, abrindo-se a novos espaços e modalidades¹⁸. O seu primeiro ardina foi Pepe, que seria um jogador de futebol de sucesso; também o foi João d'Oliveira Vidal que evidenciou nessa época um grande gosto por fado; em 1927, com cerca de 20 anos, viria a ser o secretário da direção¹⁹. Dois anos após a sua fundação, a tiragem do jornal rondava os 2000 exemplares.

Começou a existir desde o final de 1926 a intenção de conferir uma componente mais erudita-musical ao jornal. Assume-se o seguinte desiderato: «A “GP” [...] vae, do próximo ano em diante, publicar uma pagina musical, ficando assim, o nosso trimensário, uma das publicações mais completas no genero»²⁰. Este periódico manifesta cordialidade com vários colegas de imprensa, sobretudo imprensa «pequena», local, teatral e produzida pelo meio operário: «A GP tem relações cordiais com os jornais Jornal dos Teatros, Gazeta da Capital, O Estrondo, O Eco Telegrafo Postal, O Protesto, A Indústria (Setubal) e Correio Olhanense, entre outros»²¹.

A abrangência da «G.P.» é enaltecida, procurando não se confinar a um circuito social restrito no que respeita à ideologia, à classe e mesmo à religião: «E, assim, esta pequena fôlha, vai a tôda a parte do mundo, onde existam portugueses, sem credos políticos, filosóficos ou religiosos. Lê-nos o cónego humilde e o ateu empolgante»²².

Este periódico gozou de uma certa estabilidade até à morte de Domingos Serpa, em julho de 1929, que à data exercia a função de redator. A direção alterou-se bastante: João Oliveira Vidal, passa a ser o redator e Alfredo Madeira o secretário²³. A década de 1930 inicia com uma crise financeira que, de resto, com algumas intermitências, acompanhará a primeira série do jornal. Em 1931 anuncia-se um empréstimo e a organização de festas para angariação de fundos em vista à amortização da dívida²⁴. Dois anos mais tarde, João da Mata referiria que em termos financeiros foi necessário recorrer a amigos, que ofereceram o seu crédito²⁵. A «G.P.» acaba por ter uma longa interrupção em 1935 (na mesma altura em que o mesmo sucede com o periódico rival) por causa de um pequeno conflito com a tipografia e por ter mudado o seu grafismo e o material de impressão²⁶. Nesse ano, revela a situação negativa das suas contas e pede um empréstimo de 5\$00 a cada «amigo da *Guitarra*»:

¹⁸ NERY, 2004: 195.

¹⁹ «G.P.», 22 jan. 1927: 1.

²⁰ «G.P.», 20 dez. 1926: 1. O primeiro que sinalizamos é este artigo: *Jorge Ramos — Impressões... a musica*, 1926: 2.

²¹ «G.P.», 30 mai. 1926: 4.

²² *Sete anos: sete anos de pastor Jacó serviu Labão, pai de Raquel, serrana bela...*, 1929: 2.

²³ «G.P.», 27 jul. 1929: 3.

²⁴ «Para suavisar a crise por que estamos passando, reflexo da crise que geralmente assoberba a vida portuguesa, pensa êste jornal iniciar desde já um empréstimo material, para o qual contamos com os nossos amigos mais dedicados. [...] A amortização dêsse empréstimo será feita com o produto de algumas festas que vamos organizar». *Aos amigos do nosso jornal*, 1931: 7.

²⁵ «G.P.», 9 jul. 1933: 5.

²⁶ «G.P.», 8 jun. 1935: 6.

Não é surpresa para ninguém confessarmos que a vida da «GP» tem sido, há 4 anos a esta parte, uma vida de dificuldades e sacrifícios; os motivos são os de todas as empresas como a nossa: o encarecimento de mão de obra e matérias primas, em especialidade, o papel; as dificuldades de se conseguir publicidade, relativamente remunerada; a deprimente situação de cobranças fora do continente, o que nos trouxe um «deficit» de perto de dez mil escudos; a falta de pagamentos de muitos recibos em Lisboa e na provincia; só agentes, nos devem a parcela de sete mil escudos, e por fim a crise que atravessam as classes operárias, classes onde temos a maior população de leitores...²⁷.

O empréstimo será amortizado em janeiro de 1937. A sustentabilidade financeira periclitante veio a provocar mesmo o fim do jornal, que esteve cerca de cinco anos suspenso; no último número da primeira série, pode ler-se:

Não é novo o motivo e todos o conhecem de sobejo. A falta de numerário com que lutamos força-nos por vezes a estas situações, situações que se modificarão quando todos aqueles que nos lêem saibam que não é com cantigas apenas que se faz um jornal. A falta de pagamento aos nossos recibos contribuem cruelmente para que não sejamos pontuais²⁸.

A «G.P.» conseguiu um amplo raio de alcance: em 1928, sexto ano de publicação, passou a ter agentes no Estados Unidos da América, em New Jersey e em New York (em Brooklyn); nesta última, o agente chamava-se António Lourenço (mais conhecido por António das Calças) e era um grande amigo emigrante da direção do jornal²⁹. Nesse ano passa também a ter agentes em Setúbal (Alfredo Jacques), em Tomar e em Faro³⁰. No ano de 1933 tem um novo agente e correspondente no Algarve, em Vila Real de Santo António, chamado António Gonçalves Barradas, e um comerciante açoriano chamado Francisco Machado Lemos assume o lugar de agente na ilha Terceira³¹.

Entretanto, pela importância que o Porto adquire para a «G.P.», é aberta nesse ano e nessa cidade uma sucursal do jornal, que ficou a cargo do fadista nortenho Joaquim Ferreira Matinha, sendo secretários os também fadistas Manuel Mendes e

²⁷ *Em prol da "GP": um empréstimo a favor do nosso jornal*, 1935: 2.

²⁸ *O Atrazo do nosso jornal*, 1939: 3.

²⁹ «G.P.», 8 jan. 1928: 8; «G.P.», 10 abr. 1928: 10.

³⁰ Em Setúbal: «G.P.», 8 jan. 1928: 8. Em Tomar: «G.P.», 29 mar. 1928: 8. Em Faro: «G.P.», 10 abr. 1928: 4. Benavente e Sacavém têm também agentes deste jornal: «G.P.», 28 mar. 1930: 4.

³¹ Em Vila Real de Santo António: «G.P.», 24 jun. 1933. Na ilha Terceira: «G.P.», 25 ago. 1933: 11.

Adriano de Magalhães³². Foi, no entanto, uma experiência fugaz: Linhares Barbosa e a restante direção deslocou-se ao Porto, dissolveu a filial e implantou um novo sistema de venda: João Matinha passou a correspondente, Adriano Magalhães a propagandista e Luiz da Encarnação (proprietário do Café Portugal) a controlador das vendas. Determina-se que todas as casas onde o fado se canta vão passar a vender o jornal, mas a venda será feita pelos próprios fadistas³³.

Este investimento do jornal no Norte verifica-se fora do Porto, pela notícia de que estão sendo «organizadas em várias localidades dos arredores do Pôrto sub-agências da “GP”». O jornal também quer investir no Algarve, onde existe um grupo de fadistas empenhados na divulgação do género musical e da «G.P.», especificamente, sendo Francisco Masquete correspondente do jornal em Olhão: «Em várias terras da Província, especialmente em Olhão, Portimão, Silves, Faro, aceitam-se agentes para êste jornal»³⁴.

Em 1934, é inaugurada no Brasil, na cidade de São Paulo, «uma agência da “GP” sob a direcção do nosso querido compatriota o distinto guitarrista João Fernandes»³⁵. Na segunda série, iniciada em 1945, é perceptível o investimento da «G.P.» em agentes da província.

A «G.P.» faz sempre uma festa anual na ocasião do seu aniversário, que inclui fados e, por vezes, a exibição de operetas. Ele assume que «não é apenas um jornal de versos para o Fado, é também um documentário da vida fadista»³⁶. Este jornal tem duas rubricas bastante estáveis: uma intitulada *Fado Canção* e outra *Fado Velho*. No fim de 1933, a «G.P.» projeta uma série de transformações, designadamente gráficas, que começará pela alteração do cabeçalho no início do ano seguinte.³⁷ Em 1938, diz-se que o jornal «passará oficialmente a sair como quinzenário, ficando, assim, sendo o mais antigo quinzenário Português», vislumbrando-se uma centralização no fundador e diretor: «João Linhares Barbosa, antigo e único proprietário e também director, desta revista, passa do número de hoje a ter lugar de Editor, lugar que acumulará com os outros que já tinha e Oliveira Piedade, passa para o lugar de redactor»³⁸.

Em órbita deste órgão da imprensa estão grandes figuras do fado, com autoridade no meio, destacando-se Avelino de Sousa, para além dos seus fundadores Domingos Serpa e Linhares Barbosa³⁹. Linhares Barbosa é uma personalidade de grande relevância na história do fado, o que é em parte justificado pela sua produ-

³² «G.P.», 18 abr. 1933: 7. Essa filial no Porto, esta agência que fica na Rua da Alegria, 860, Porto; inicialmente ficou a cargo de Adriano Magalhães. «G.P.», 24 jun. 1933.

³³ «G.P.», 11 nov. 1933: 2.

³⁴ *Agentes da Guitarra*, 1933: 10.

³⁵ Ficava na Rua de Santa Efigénia, 65, 1.º. «G.P.», 21 abr. 1934: 4.

³⁶ «G.P.», 9 jul. 1933: 3.

³⁷ «G.P.», 11 nov. 1933: 5. Este novo cabeçalho concretiza-se no início de 1934: «G.P.», 8 fev. 1934.

³⁸ «G.P.», 10 jul. 1938: 6.

³⁹ Avelino de Sousa inicia uma rúbrica sobre *Recordações do Passado*, 1939: 3.

ção poética, que detém um valor estético intrínseco e insofismável. Mas através da «G.P.», órgão da imprensa que fundou e dirigiu durante 18 anos, o poeta defendeu o fado, conferiu-lhe visibilidade no espaço público, entrou em interlocução com figuras exponenciais da cultura e mesmo com detratores com o objetivo de o afirmar socialmente ao sarar as ruturas estabelecidas. Nos primeiros números da «G.P.», ainda antes de 1926, é patente a entrevista a escritores, poetas e outros intelectuais proeminentes da época. O registo de Linhares vai alterar-se à medida que sobe o tom da polémica que tem com o núcleo mais conservador do fado, tornando-se mais ríspido. Empenhou-se ainda a dignificação das novas profissões que o género proporcionava: a de poeta popular e a de fadista. Assim se propõe numa retrospectiva laudatória do seu contributo:

Não tenham ilusões... Quem mais trabalhou e lutou pelo Fado, quem mais contribuiu para o dignificar e para o fazer ascender até ao ponto onde se encontra, quem mais labutou para que a remuneração aos fadistas — que em algum tempo oscilava entre a «nota de cem e a tijela de económica» — fôsse condigna, quem impôs que aos poetas populares fôsem atribuídos direitos de autor, êsse — não haja confusões de nomes, — chama-se: João Linhares Barbosa⁴⁰.

As homenagens ao fundador da «G.P.» têm lugar e explicitam a visão que este detinha para o género musical e a energia com que o defendeu⁴¹. De salientar é ainda João da Mata, que participou na liderança do jornal na segunda série como editor, mas que já tinha uma grande experiência de fundador e diretor de periódicos incidentes no fado, além de uma destacada atividade como violista e organizador de digressões e sessões de fado.

A «G.P.» procurou assegurar uma ação difusora do fado que assim contribuísse para o sucesso do género musical e dos seus artistas: «A “GP” vive do auxílio de todos os fadistas e a todos os fadistas é indispensável o auxílio da “GP”»⁴². Segundo Rebelo de Bettencourt, a «G.P.» é um «magnífico trimensário ao qual se deve [...] a reabilitação em grande parte, do fado português»⁴³. O jornal faz-se valer daqueles que lhe dão reconhecimento social, como D. José de Bragança, que é «distinto fidalgo e nosso amigo e assinante»⁴⁴, ou o industrial Vicente Joaquim Esteves, havendo referência a uma «lista de assinantes que este nosso amigo nos enviou de nomes acreditados no nosso meio comercial e industrial»⁴⁵.

⁴⁰ *Variações*, 1945: 2.

⁴¹ VALENTE, 1928: 3.

⁴² Cf. «G.P.», 20 jan. 1933.

⁴³ Rebelo de Bettencourt, artigo no jornal «Açoriano Oriental» (fev./mar. 1938). Citado por: «G.P.», 30 abr. 1938: 2.

⁴⁴ «G.P.», 28 mai. 1931: 7.

⁴⁵ «G.P.», 20 fev. 1927.

Pelos corpos dirigentes da «G.P.» passaram indivíduos de meios diferentes, desde o próprio proprietário da tipografia na qual a impressão do jornal foi maioritariamente realizada (Luís Beleza, dono da Tipografia Beleza) ou António Gomes que foi empregado na estação dos Caminhos de Ferro Sul e Sueste e era o revisor tipográfico do jornal «Diário de Notícias»⁴⁶. Carlos Alberto de Figueiredo, um ex-artista mecânico e à altura empregado no comércio; é Horácio Gameiro quem o substitui após a sua morte em 1936. Não é poeta, guitarrista nem cantador, tendo como profissão ser «empregado de carteira» de uma das mais importantes «firmas comerciais da nossa praça» e sendo casado com uma fadista (Alcídia Rodrigues)⁴⁷.

Na segunda série, em 1945, o administrador é Francisco M. Costa, empresário na área do fado. Francisco Radamanto e José Afonso de Matos passam ao quadro efetivo da redação deste jornal no final desse ano⁴⁸. Nesta segunda série, a «G.P.» configura-se graficamente como uma revista — modificação que tinha ocorrido anos antes com a «C.S.»⁴⁹. Embora mais paulatinamente, tal como o periódico concorrente a «G.P.» vai-se tornando um periódico de generalidades no âmbito das artes do espetáculo. Em 1947 o jornal transforma-se no «Ecos de Portugal», que durará até 1951.

A «CANÇÃO DO SUL»

A «C.S.» começou a 1 de abril de 1923. Após alguns números e um longo interregno que terá estado relacionado com problemas financeiros e má administração, ressurgiu no dia 18 de dezembro de 1926. Persistem os problemas no mandato da primeira direção liderada por Venceslau de Oliveira, pivô ativo do meio e da imprensa teatral, pelo que os corpos diretivos mudam sucessivamente⁵⁰. Entre finais de abril de 1927 e maio de 1930 o jornal conheceu uma longa interrupção, novamente.

João Reis destaca-se como personalidade que está presente nos corpos diretivos desde este recomeço acabando por tomar as rédeas definitivamente em 1931. Até lá, com mandatos muito breves, são diretores pessoas estreitamente ligadas ao mundo do fado, como José Alves (durante um mês em 1927) e Francisco Viana, que assume a direção após o interregno de três anos que se segue, num mandato de seis meses. Este, juntamente com Joaquim Frederico de Brito, que era redator no jornal, entram

⁴⁶ A *Redacção da "GP"*, 1936: 2.

⁴⁷ «G.P.», 20 nov. 1936: 3.

⁴⁸ «G.P.», 1 nov. 1945: 7.

⁴⁹ Logo no 5.º número o cabeçalho é alterado.

⁵⁰ Esta interrupção entre 1923 e 1926 é atribuído a João d'Almeida, conhecido por João das Velhas, proprietário de um restaurante homónimo, por causa de questões de dinheiro, e ao editor Armando Dias. João Reis pede ao director da «G.P.» para publicar uma carta, na qual pode ler-se: «Motivado pela má orientação, por desconhecimento total dos seus deveres administrativos do editor de "A CS" editor esse, que tomo a si o encargo da sua publicação, venho eu, João Reis seu unívoco proprietário e administrador, por esta forma declarar em publico, que suspendi o dito jornal pelo tempo suficiente aquele senhor liquidar todas as suas contas em debito [...]. Reaparecendo depois sobre a direcção de pessoas com conhecimentos da causa a que nos propomos» (*Uma carta*, 1927: 6). A carta é datada de 27 de abril de 1927 e foi escrita em Lisboa (*Prevenção*, 1927: 1).

em colisão com João Reis, que assume o jornal como diretor, editor e proprietário no fim de 1930, e saem do jornal⁵¹. João Reis investe de imediato na expansão do jornal anunciando: «Iniciamos hoje uma nova e mais aturada propaganda pelo norte do País»⁵². Pouco tempo depois torna-se diretor Cândido Torresão, jornalista maduro ligado à imprensa humorística, que no espaço de quatro meses pede para deixar as suas funções⁵³. Desde esse momento, João Reis começa um longo e estável mandato à frente do periódico. Deste modo, a «C.S.» não tem tantas pessoas ligadas diretamente à prática do fado e com um valor tão grande de ancestralidade comparativamente à «G.P.», mas, pelo contrário, constitui-se de figuras mais adstritas à produção poética e a outros setores da imprensa.

Como redatores da «C.S.» ressaltamos o jornalista Belo Redondo, jornalista do «Diário de Notícias», que na fase inicial escreve e publica contos; Armando Neves e Júlio Guimarães, poetas de fado que começam a colaborar com o periódico em 1936; mais tarde Severo Portela, o jornalista Carlos Silva que se notabilizou na sua defesa do fado e Henrique de Carvalho, professor, diretor, proprietário do Instituto Académico e autor de vários livros⁵⁴. É de ressaltar o maestro Raul de Campos que é convidado para ser colaborador artístico da direção do jornal; na rubrica que assegura praticamente não fala de fado mas de «folclore português», de música no geral e de generalidades⁵⁵.

A «C.S.» detém um expressivo alcance geográfico, nacional e internacional. Sabemos que nos primeiros números tem agências em Arruda dos Vinhos, Évora e Elvas, por volta de 1927; em 1931 há notícias que indicam a existência de leitores nos Estados Unidos da América; em 1935 sabemos que é vendido no Algarve e no Funchal, entre outros exemplos que poderiam ser dados⁵⁶. É salutar o representante que o quinzenário tem na Beira, em Moçambique; chama-se Filipe Farinha é um ativo promotor do fado nessa região⁵⁷. Em 1941, João Inácio e Celeste Inácio vão ao norte do país para fazerem propaganda do jornal, visitando as sedes do «Jornal de

⁵¹ «Por não concordarem com a zelosa orientação tomada pelo único proprietário e editor do nosso quinzenário, A CS, deixaram de fazer parte da sua redacção, estes dois nossos amigos, velhos cultores de fado, a quem enviamos o nosso mais sincero adeus de despedida». «C.S.», 1 nov. 1930: 2. Pedem para a GP publicar a sua declaração: «G.P.», 31 nov. 1930: 3.

⁵² «C.S.», 1 nov. 1930: 2.

⁵³ Torresão esteve na direção do jornal «Os Ridículos» e foi um dos fundadores do jornal «O Casmurro», no início da segunda década do século XX, juntamente com Artur Arriegas que era bastante ligado ao fado. Cf. «C.S.», 1 mar. 1931: 3.

⁵⁴ Júlio Guimarães passa a ser colaborador no jornal. Armando Neves: «C.S.», 1 jan. 1936: 3. Júlio Guimarães: «C.S.», 1 abr. 1936: 3. Henrique Carvalho: «C.S.», 1 jun. 1940: 7. Severo Portela: «C.S.», 1 nov. 1938: 6. Carlos Silva: «nosso presado amigo e distinto jornalista, antigo batalhador de pugnas políticas a quem deu toda a sua alma e valor — a partir deste número colaborará assiduamente no nosso jornal com uma secção privativa de grande agrado». «C.S.», 16 abr. 1937: 5. Carlos Silva foi diretor do jornal extinto «A Reacção», e colaborava no «Mensageiro do Ribatejo» e na «C.S.». Cf. «C.S.», 16 jun. 1937: 2.

⁵⁵ CAMPOS, 1934: 3.

⁵⁶ «C.S.», 16 jul. 1931: 4.

⁵⁷ «C.S.», 16 nov. 1945: 3.

Notícias» e do «Comércio de Gaia». No ano seguinte, durante o interregno do antigo rival, a administração da «C.S.» decide entregar a Luís da Encarnação (Juiz da praça) todos os serviços administrativos referentes ao Porto e seus arredores⁵⁸.

Percebe-se nos anos de 1937 e 1938 uma dinâmica de persuasão da «C.S.» relativamente a figuras de prestígio: Álvaro Ribeiro, José Régio, Cândido Torresão (antigo diretor), Campos Coelho, Rocha Martins, António Navarro, que colabora igualmente na *Presença*: todos são convidados para colaborar com o jornal. Esta colaboração, de facto, concretiza-se embora se constitua de participações muito pontuais⁵⁹. Também em 1945 o poeta Miguel Torga e Adolfo Simões Müller publicarão poemas seus na revista. A «C.S.» é caracterizado pelo filósofo Álvaro Ribeiro nas cartas escritas a José Régio (nas quais procura persuadir o amigo a colaborar naquele título), como «jornal modesto, escrito por trabalhadores, e manchado de erros estranhos, mas redigido por pessoas simpáticas», que sendo «mal redigido» é uma «pobre revista, tão ingénua mas tão simpática» e que «tem mais vida e mais vibração» que a «G.P.»⁶⁰.

O jornal que teve João Reis como seu diretor mais longo, patenteou-se que era de fado mas não só, enfatizando bastante o folclore no qual enquadrava o fado⁶¹. Com efeito, a «G.P.» estava certa ao referir que o seu concorrente não dava muita atenção à parte da defesa do fado; a brandura na resposta às críticas era intencional:

*Não nos move o intuito de fazer guerra a um colega maior, que é o «Diário de Lisboa», por espírito de verrina ou por aquela prosápia doentia que os pequenos sentem ao serem notados pelos grandes quando lhes pisam os calos. Em nós o principio da camaradagem ainda se não submergiu e entendemos por bem o exemplo vir de baixo*⁶².

Na «C.S.» não se registava o estilo militante do jornal de Linhares Barbosa e existia uma estratégia diferente, pretendendo posicionar o fado num espaço de interesse cultural elevado, como verificámos pelos colaboradores que procurou mobilizar, mas também pelo tipo de rúbricas que tinha e que concerniam a espetáculos no geral; a secção *Mascarilha Vermelha*, por exemplo é sobre teatro; em 1934 começa com a secção charadística que contém muitos contos. Contudo, nunca deixa de se inscrever no âmbito da poesia popular e na pequena imprensa, afirmando que nele «não cabem castas nem elites poéticas ou jornalísticas»⁶³.

⁵⁸ «C.S.», 16 nov. 1941: 1-3; «C.S.», 16 mar. 1942: 7.

⁵⁹ «C.S.», 16 fev. 1938: 2.

⁶⁰ RÉGIO, 2008 [1928-1968]: 27.30.33 (Excertos retirados das cartas de 2 dez. 1937, 17 dez. 1937 e 7 out. 1938).

⁶¹ «Mas, o folclore de portugueses não é só o Fado. E, assim, embora em plano secundario, mostraremos o que há a pensar acerca do país». Refere, inclusivamente, o desejo de dar especial atenção ao fandango. *Reaparecendo*, 1930: 1.

⁶² *O Vinho do "Diário de Lisboa"*, 1936: 2.

⁶³ *Jovens poetas*, 1938: 5.

A «C.S.» esteve suspensa entre 1 de abril de 1935 e 1 de junho de 1935, e a 1 de outubro desse ano surge remodelada graficamente. Este jornal que assim se aproximou de uma revista, manifestou uma preocupação de melhoria gráfica notada no novo cabeçalho, no tipo de papel e material de composição. Desde outubro de 1935 também houve um investimento na periodicidade que desde então não conheceu falhas (verificámos que esta regularidade era um fator diferenciador da «G.P.»). Em 1936 é de salientar a sua estreita proximidade com o Café Luso (por exemplo, todos os fadistas que entrevista cantam lá), o que explica a polémica que este café teve com a «G.P.», anteriormente descrita. Em outubro desse ano inicia uma nova secção ou rubrica intitulada *Dos novos* em que apresenta jovens fadistas⁶⁴, estabelecendo também uma estreita pareceria com a Rádio Luso:

Entre o Rádio Luso e «A CS» foi firmado um pacto de amizade assistência mútua na elaboração de festas, programas, e outros factores de interesse, tanto para o posto como para o jornal.

A página do Rádio Luso, que hoje inauguramos, fica sendo privativa do posto, onde vêm publicadas as letras dos maiores sucessos artísticos que sejam cantados através do microfone daquela Estação»⁶⁵.

Desde a remodelação de 1935, a prosperidade do jornal parece crescente, e em 1937 anuncia que devido às ótimas tiragens que tem tido, esgotando rapidamente, passará a trimensário⁶⁶. Pouco antes tinha anunciado que, não obstante o enorme aumento do preço do papel, manteria o preço de 50 centavos (ao contrário da generalidade dos jornais)⁶⁷. Este jornal (ou revista) amplia consideravelmente o seu número de páginas e melhora o seu aspeto gráfico em outubro de 1938⁶⁸. Os grandes jornais elogiam esta mudança arrojada: «Diário de Notícias», «O Século», o «República»... A sua estratégia passa por angariar novos leitores, chamando a atenção para o baixo preço⁶⁹, estimulando a angariação de agentes na província e de novos assinantes, colocando em apenso um cupão para ser por estes preenchido⁷⁰. Nesta fase é patente um investimento da «C.S.» no objetivo de se tornar uma «revista moderna»⁷¹. Esta reconfiguração significa claramente uma vontade de afirmação jornalística e cultural.

⁶⁴ «C.S.», 16 nov. 1936: 3.

⁶⁵ «C.S.», 16 abr. 1936: 7.

⁶⁶ «C.S.», 16 set. 1937: 2.

⁶⁷ «C.S.», 16 jul. 1937: 7.

⁶⁸ «C.S.», 16 nov. 1938: 4.

⁶⁹ «Pelo seu custo — comparado ao de um jornal diário [...] vale mais do que um jornal diário». *Leitor amigo*, 1938: 15.

⁷⁰ «C.S.», 1 nov. 1938: 15. O número em que se encontra o cupão: «C.S.», 1 dez. 1938: 2.

⁷¹ «C.S.», 16 dez. 1938: 6.

A «C.S.» em 1937 abriu uma secção para novos poetas, caracterizando-a como um grande sucesso. Em abril de 1938 anuncia uma nova secção «Colectivismo Cultural e Recreativo» que incide em «assuntos de interesse colectivo — de tôdas as sociedades recreativas de Lisboa e arredores» acrescentando que a iniciativa «tem por índole estreitar ainda mais as sociedades de recreio com o fado — e ao mesmo tempo auxilia-las na publicidade gratuita que até aqui lhe tem sido feito escassamente»⁷².

Nesse ano promove ainda dois concursos: o Concurso das Melhores Poesias de 1938⁷³ e o Concurso da Primavera. Este último teve uma dimensão e um impacto muito significativos. Cada bairro (num total de 12) escolheram representantes, tendo ocorrido eliminatórias em cada um deles. A grande vencedora foi Márcia Condessa, representante do Bairro da Bica. Até agora os concursos tinham sido sobretudo de poesia popular, promovidos pelos jornais; os concursos de cantadores eram promovidos pelas casas de fados, disputados numa só noite, sem existir nem a representatividade dos bairros nem as eliminatórias. Esta nova modalidade prolonga o concurso no tempo, confere-lhe um espírito bairrista e dá-lhe a visibilidade oferecida pelo órgão de imprensa promotor. Esta iniciativa integrou claramente uma estratégia da «C.S.» se difundir e granjear peso e destaque dentro do público fadista que disputava com a «G.P.»⁷⁴.

Esta vitalidade do jornal demonstra-se, finalmente, nos poetas de reconhecimento cultural que o quinzenário conseguiu convocar, como já explicámos anteriormente. Com efeito, a «C.S.» investe numa dimensão erudita e procura não se circunscrever ao fado, possivelmente para ser mais apelativa e alargar assim o seu público. Comprovam-no as capas do jornal a partir sensivelmente de 1939 nas quais aparecem atrizes que não são fadistas, como Carmencita Aubert, Beatriz Costa ou Mirita Casimiro. Contudo, os leitores notam o receio por este enfraquecimento da dimensão fadista⁷⁵. Por essa altura reconhece-se que os seus redatores não conseguem assegurar as 16 páginas (8 folhas), referindo a insatisfação por parte dos assinantes pelos atrasos que estão a existir; em maio desse ano regressa-se, pois, às 8 páginas (4 folhas), como tinha sido até outubro de 1938. Em 1940, devido ao aumento do preço do papel, o primeiro número de cada mês mantém-se com 8 páginas mas o segundo será de

⁷² «C.S.», 16 abr. 1938: 2.

⁷³ «C.S.», 1 nov. 1938: 6.

⁷⁴ «C.S.», 1 mai. 1938: 1.

⁷⁵ «C.S.», 1 abr. 1939: 3.

4⁷⁶. Em 1941, anuncia-se que o preço irá aumentar e afirma-se: «Vamos remodelar radicalmente tôdas as secções do nosso jornal»⁷⁷.

Nos anos 40, o jornal mostrou a clara intenção de uma tendência mais generalista dos assuntos a tratar: «Os nossos serviços técnicos estão estudando a melhor forma do nosso jornal abraçar as seguintes modalidades artísticas: Cinema, Teatro, Dancing e Radiofonia»⁷⁸. No quinzenário «C.S.» criam-se duas secções de crítica sobre teatro e cinema com a intenção de «correspondermos ao crescente interêsse do publico pelo nosso jornal»⁷⁹. Além de atrizes, atores e cançonetistas na esmagadora maioria das capas, a secção *Cinema e Teatro* ocupa a totalidade da contracapa. A linha editorial já distante do fado é assumida: «Estamos a fazer o possível para que a nossa revista seja uma revista ilustrada com interêsse em todos os meios artísticos»⁸⁰. Esta alteração é visível no novo subtítulo: «Revista Quinzenal de Fado — Poesia Popular — Teatro — Rádio — Cinema»⁸¹. A divulgação das iniciativas culturais e dos programas do teatro, cinema, a noticição dos artistas a tocar nos *dancings* e *music halls* lisboetas, foi recebida com desagrado por alguns leitores que não compreendiam a valorização dos espetáculos estrangeiros em detrimento dos portugueses, o que motivou uma resposta por parte da redação⁸².

Em 1945, o jornal liderado por João Reis reconhece a intensificação das dificuldades desde 1939 e as mudanças são inevitáveis⁸³: a partir de 1 de outubro desse ano transforma-se definitivamente numa revista, aumenta as páginas e aumenta o preço (passa a 1\$50). Contudo, a componente de divulgação poética do jornal não

⁷⁶ A «C.S.» diz que «A escassez no fabrico de papel de jornal, e o seu aumento de preço levou os nossos serviços administrativos a adoptar, a partir de hoje, uma medida draconiana que, certamente, será acolhida sem reservas pelos nossos amigos e leitores. / Trata-se de sacrificar 4 páginas mensalmente [...]. Assim, provisoriamente [sic], o primeiro jornal do mês será de 8 páginas e o de 16 será de 4 páginas» (*Uma medida enérgica*, 1940: 2). Em agosto de 1940 diz-se: «As quatro páginas obrigatórias que tínhamos instituído mensalmente [...] Passam a ser eventuais» («C.S.», 16 ago. 1940: 3). Em dezembro desse ano falam de um «recente colapso no fabrico de papel de jornal, que continua a escassear no mercado» («C.S.», 1 dez. 1940: 3).

⁷⁷ O aumento é justificado pelo aumento das taxas dos CTT e pela supressão do «desconto» de que gozavam no preço do papel («C.S.», 16 nov. 1941: 5). O anúncio da remodelação encontra-se no seguinte número: «C.S.», 1 jan. 1941: 3.

⁷⁸ «C.S.», 1 fev. 1944: 3.

⁷⁹ «C.S.», 1 ago. 1941: 3.

⁸⁰ «C.S.», 16 jul. 1942: 3.

⁸¹ «C.S.», 1 dez. 1942: 1.

⁸² «C.S.», 16 mar. 1944: 3. Por esta altura, o periódico também se propõe a ser um facilitador para artistas e associações de todos os géneros de espetáculo: «“CS” dentro em breve vai iniciar uma curiosíssima secção de informações úteis, como seja a documentação necessária para se obter cartões de cantadeiras ou cantadores de fado, artistas de variedades e declamação, de circo, artistas líricos, etc., etc. / Nessa secção ilucidar-se-á também a forma da legislação das colectividades de recreio, desporto e dramáticas. Para êsse fim colheremos as necessárias informações junto das instâncias competentes. Daí os nossos assinantes e leitores poderão fazer-nos as perguntas [sic] que julgarem conveniente, que a todas elas responderemos nestas colunas». «C.S.», 16 set. 1944: 5.

⁸³ «Porque de 1939 para cá a nossa vida jornalística tem sido um sacrifício ingente, premente e sempre vivo. As matérias primas aumentadas constantemente — os leitores racionando a sua leitura predilecta por falta de trabalhos, enfim, de dia para dia, de hora para hora, vamos, os encargos aumentando e as receitas diminuindo — num desequilíbrio fantástico». «C.S.», 1 jul. 1945: 3.

esmorece, patenteando-se como objetivo principal e manifestando-se pelo facto de o antigo e respeitado poeta popular Martinho d'Assunção e seu filho passarem a ser colaboradores em 1945⁸⁴.

CONCLUSÃO

Os dois periódicos analisados começam como jornais e terminam como revistas, num processo que coincide com a crescente diluição da identidade fadista que foi mais evidente na «C.S.» e na década de 1940. A relação entre a tradição e a modernidade joga-se de um modo diferente em cada um destes órgãos de imprensa. Os anos iniciais da «G.P.» são marcados por um esforço de abertura a outras instâncias sociais e culturais em nome de uma dignificação do fado, incluindo uma estratégia de diálogo com os seus críticos. Na década de 1930, a «G.P.» destaca-se mais por uma lógica de propaganda e apologética do género musical e ainda por uma vigilância das práticas procurando balizá-las dentro de uma certa ideia de tradição formal, mas também de fronteiras morais no comportamento e modo de organização e relação entre os fadistas, isto é, na manutenção de ideais de cariz mutualista no modo como aqueles se organizam como coletivo. Neste período, será a «C.S.» a demonstrar progressivamente uma abertura cultural que será levada ao limite, intuindo-se por vezes que sobrepõe a sua inserção entre os outros órgãos da imprensa e na dinâmica cultural que esta envolvia à sua vinculação ao fado, que a «G.P.» manteve mais como prioridade de um modo mais resiliente.

A «C.S.» aspirou sob a direção de João Reis aos atributos de uma imprensa culturalmente mais sofisticada, o que se consumou na convocação de autores de autoridade no âmbito dessa expertise literária. A «G.P.» focou-se na defesa do fado, arrogou um registo apologético e, por vezes, mesmo agressivo. O grupo dirigente do «C.S.» não seria menos ancorado ao núcleo vital e popular do fado, embora a sua ligação ao género musical só timidamente seja aludida. Estaria mormente em causa uma fação ou forma de estar no fado não alinhada com Linhares Barbosa e com a sua rede próxima ou, simplesmente, a pertença a diferentes circuitos da boémia fadista. João Linhares Barbosa, figura fundacional que se manterá como eixo vital da «G.P.», era incontestavelmente uma referência de autoridade no meio fadista, fornecendo uma calibragem entre a tradição, a ancoragem no âmbito popular mas também a promoção do fado no espaço público⁸⁵.

⁸⁴ «Que centenas de rapazes e raparigas versem, hoje, a capricho, conscienciosamente, mercê das nossas lições e do nosso desejo de divulgar o que de mais belo a natureza deu ao homem — a poesia — não é ficção literária ou fantasia publicitária. [...] / O fado e a poesia — irmãos siameses — absorve-nos parte do nosso tempo. [...] Vamos dedicar no ano que se segue — a máxima atenção espiritual, para seu depuramento e prestígio e valorização cultural» (*Vinte e dois anos*, 1944: 3). Anúncio de que Martinho d'Assunção filho e pai passam a ser colaboradores: «C.S.», 16 set. 1945: 5.

⁸⁵ É revelador, neste âmbito, que na segunda série o cabeçalho mantenha a referência «Fundador: João Linhares Barbosa», não obstante a sua substituição como diretor por Mário Ribeiro.

Contrastando com a ancestralidade no fado dos protagonistas da «G.P.», do lado do título rival temos João Reis que se pauta por uma estratégia de inovação e de modernização, num maior arrojo tanto gráfico como no campo dos conteúdos, e numa lógica de inscrição do seu jornal na restante imprensa, piscando o olho à imprensa de vanguarda cultural. A inovação passa pela consciência da importância de dinâmicas de sociabilidade mobilizadoras no meio fadista, destacando-se o Concurso da Primavera que teve um enorme sucesso em 1938 (ao passo que a «G.P.» organizava anualmente a sua festa). Esse concurso prova também que disputava claramente o público fadista com a «G.P.», o que justifica a busca por estratégias de expansão e especialização.

Pese embora a menor capacidade de sustentabilidade da «G.P.», os dois jornais partilham uma grande resiliência ante as dificuldades financeiras, iniciativas idênticas de angariação de assinantes através da criação de uma rede de agentes e da venda nos locais de prática de fado. Os seus redatores e dirigentes partilhavam o mesmo perfil social: eram, fundamentalmente, operários.

Nesta época de profunda transformação do fado, os seus órgãos de imprensa não a testemunharam apenas, mas contribuíram ativamente para essa dinâmica de transmutação. A projeção que possibilitaram ao género musical não era uma mera divulgação mas assumia uma dimensão capilar: eles prolongavam o espírito comunitário fadista (e bairrista) existente em Lisboa para outros espaços nacionais e internacionais, partilhando os eventos, os intérpretes, instrumentistas e poetas, as notícias dos membros da comunidade fadista que era uma rede eminentemente popular mas com o fascínio de estar, em alguns casos, à tangente do estrelato de alguns, muitas vezes apresentados como promessas. No quotidiano e na materialidade destes jornais como plataformas de partilha jogaram-se diversas dinâmicas: de sociabilização e, simultaneamente, de conflitualidade; de propaganda e defesa do fado e, ao mesmo tempo, de investimento numa abertura cultural com várias estratégias. Uma fundamental que une os dois periódicos de fado é a da criação literária, sendo a poesia popular que enche maioritariamente as suas páginas o campo expressivo em que se inscrevem e que talvez mais inexoravelmente os liga ao fado.

FONTES

«Canção do Sul»

- PREVENÇÃO. «C.S.». 1:19 (3 mai. 1927) 1.
 REAPARECENDO. «C.S.». 7:21 (15 maio 1930) 1.
 «C.S.». 7:32 (1 nov. 1930) 2.
 «C.S.». 8:40 (1 mar. 1931) 3.
 «C.S.». 8:49 (16 jul. 1931) 4.
 «C.S.». 10:69 (16 maio 1932) 3.
 UMA Manifestação á “A CS”. «C.S.». 10:72 (1 jul. 1932) 4.
 CAMPOS, Raul de (1934). *Ligeiras Considerações*. «C.S.». 12:119 (1 jul. 1934) 3.
 «C.S.». 13:145 (1 jan. 1936) 3.
 «C.S.». 13:151 (1 abr. 1936) 3.
 «C.S.». 14:152 (16 abr. 1936) 7.
 O VINHO do “Diário de Lisboa”. «C.S.». 14:155 (1 jun. 1936) 2.
 «C.S.». 14:164 (16 nov. 1936) 3.
 “ELES” e o café Luso... «C.S.». 14:169 (1 jan. 1937) 4.
 «C.S.». 14:176 (16 abr. 1937) 5.
 «C.S.». 15:180 (16 jun. 1937) 2.
 «C.S.». 15:182 (16 jul. 1937) 7.
 «C.S.». 15:186 (16 set. 1937) 2.
 JOVENS poetas. «C.S.». 15:194 (1 jan. 1938) 5.
 «C.S.». 15:197 (16 fev. 1938) 2.
 «C.S.». 16:201 (16 abr. 1938) 2.
 «C.S.». 16:202 (1 maio 1938) 1.
 «C.S.». 16:212 (1 nov. 1938) 6.
 LEITOR amigo. «C.S.». 16:214 (1 nov. 1938) 15.
 «C.S.». 16:213 (16 nov. 1938) 4.
 «C.S.». 16:216 (1 dez. 1938) 2.
 «C.S.». 16:217 (16 dez. 1938) 6.
 RECORDAÇÕES do Passado. «C.S.». 17:360 (10 mar. 1939) 3.
 «C.S.». 16:223-224 (1 abr. 1939) 3.
 «C.S.». 17:360 (10 mar. 1939) 3.
 «C.S.». 18:252 (1 jun. 1940) 7.
 UMA MEDIDA enérgica. «C.S.». 18:254 (1 jul. 1940) 2.
 «C.S.». 18:256 (16 ago. 1940) 3.
 «C.S.». 18:263 (1 dez. 1940) 3.
 «C.S.». 18:265 (1 jan. 1941) 3.
 «C.S.». 19:279 (1 ago. 1941) 3.
 «C.S.». 19:284 (16 nov. 1941) 1-5.
 «C.S.». 19:294 (16 mar. 1942) 7.
 «C.S.». 20:302 (16 jul. 1942) 3.
 «C.S.». 20:310 (1 dez. 1942) 1.
 «C.S.». 21:327 (1 fev. 1944) 3.
 «C.S.». 21:330 (16 mar. 1944) 3.
 VINTE e dois anos. «C.S.». 22:331 (1 abr. 1944) 3.
 «C.S.». 22:340 (16 set. 1944) 5.

- «C.S.». 23:356 (1 jul. 1945) 3.
«C.S.». 23:361 (16 set. 1945) 5.
«C.S.». 23:362 (16 nov. 1945) 3.

«Guitarra de Portugal»

- «G.P.». 4:89 (30 maio 1926) 4.
JORGE Ramos — Impressões... a musica. «G.P.». 5:103 (20 dez. 1926) 2.
BARBOSA, João Linhares (1926). *Escarro ou trono?... Resposta a um ataque que nos é feito no ultimo numero da "CS"*. «G.P.». 5:104 (30 dez. 1926) 3.
G.P.». 5:106 (22 jan. 1927) 1
«G.P.». 5:107 (20 fev. 1927).
UMA carta. «G.P.». 5:113 (30 abr. 1927) 6.
«G.P.». 6:131 (8 jan. 1928) 8
«G.P.». 6:137 (29 mar. 1928) 8.
«G.P.». 6:138 (10 abr. 1928) 4, 10.
VALENTE, L. Sousa (1928). *Como nós vemos João Linhares Barbosa*. «G.P.». 6:144 (21 jun. 1928) 3.
«G.P.». 7:176 (27 jul. 1929) 3.
SETE ANOS: sete anos de pastor Jacó serviu Labão, pai de Raquel, serrana bela... «G.P.». 7:177 (20 ago. 1929) 2.
«G.P.». 8:193 (28 mar. 1930) 4.
«G.P.». 9:211 (31 nov. 1930) 3.
«G.P.». 9:228 (28 maio 1931) 7.
AOS AMIGOS do nosso jornal. «G.P.». 10:237 (24 set. 1931) 7.
JOSÉ Manuel Soares: o "Pepe". «G.P.». 10:239 (31 nov. 1931) 2.
A CALÚNIA é a arma dos cobardes e dos pulhas. «G.P.». 10:249 (28 fev. 1932) 4.
ANTÓNIO CARDO e Celeste Judia: Estes gatunos são loucos ou são malandros?!... DESMASCARÁMOS os da "CS". «G.P.». 10:256 (4 jul. 1932).
«G.P.». 12:268 (20 jan. 1933).
«G.P.». 12:273 (18 abr. 1933) 7.
«G.P.». 12:276 (24 jun. 1933).
«G.P.». 11:276 (9 jul. 1933) 3.
«G.P.». 12:277 (9 jul. 1933) 5.
AGENTES da Guitarra. «G.P.». 11:278 (31 jul. 1933) 10.
«G.P.» 12:279 (25 ago. 1933) 11.
«G.P.». 12:282 (11 nov. 1933) 2, 5.
«G.P.». 12:286 (8 fev. 1934).
«G.P.». 12:290 (21 abr. 1934) 4.
«G.P.». 13:304 (8 jun. 1935) 6.
EM PROL da "GP": um empréstimo a favor do nosso jornal. «G.P.». 14:307 (14 ago. 1935) 2.
A REDACÇÃO da "GP". «G.P.». 14:315 (31 mai. 1936) 2.
«G.P.». 15:320 (20 nov. 1936) 3.
NÓS, o "Luso" e eles: Onde estás. Probidade profissional!?... «G.P.». 15:326-327 (31 jan. 1937) 6.
«G.P.». 16:339 (30 abr. 1938) 2.
«G.P.». 16:344 (10 jul. 1938) 6.
A CAÇA às lebres. «G.P.». 17:352 (10 nov. 1938) 2.
O ATRAZO do nosso jornal. «G.P.». 18:367 (25 nov. 1939) 3.
«G.P.». 2.^a série. 24:10 (1 nov. 1945) 7.

VARIAÇÕES. «G.P.». 2.ª série. 24:12 (31 dez. 1945) 2.

RÉGIO, José (2008 [1928-1968]). *Correspondência com Álvaro Ribeiro*. Notas de apresentação de Joaquim Domingues. Revisão de Paula Lobo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

BIBLIOGRAFIA

FÉLIX, Pedro (2010). *Periódicos de música: Fado*. In CASTELO-BRANCO, Salwa, dir. *Enciclopédia da música em Portugal do século XX (L-P)*. Lisboa: Temas & Debates; Círculo de Leitores, pp. 995-996.

LIMA, Paulo (2004). *O Fado operário no Alentejo: o contexto do profanista Manuel José Santinhos*. Vila Verde: Tradisom.

NERY, Rui Vieira (2004). *Para uma História do Fado*. Lisboa: Público; Corda Seca.

NERY, Rui Vieira (2010). «Propaganda pela Trova»: *Movimento operário e ideal republicano no fado de Lisboa até à Ditadura*. In PEREIRA, Sara, ed. *Fado 2010*. Lisboa: EGEAC-EEM; Museu do Fado, pp. 11-61.

NERY, Rui Vieira (2015). *Os Sons da República*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SÁ, Victor de (1954). *O Que foi a biblioteca móvel*. Braga: [Edição de Autor].

SÁ, Victor de (1956). *As Bibliotecas, o público e a cultura: um inquérito necessário*. Braga: Livraria Victor; Centro Cultural do Minho.

SÁ, Victor de (1978). *A Crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*. 3.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

SÁ, Victor de (1981). *Movimento operário e sindicalismo em Portugal*. Porto: Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis.

SÁ, Victor de (1990). *Esquema histórico do movimento operário português*. «Revista de História». 10, 217-224.

TUNA, Cátia (2020a). «*Não sei se canto se rezo*»: *ambivalências religiosas e culturais do fado (1926-1945)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.

TUNA, Cátia (2020b). *Portal «Fado e Religião»*. In *Fundação Mário Soares e Maria Barroso*. Disponível em <<http://premio.fmsoares.pt/2020/pessoas>>.

